

Inovação tecnológica



A tecnologia não é a única mas é a mais constante fonte de inovação. E nunca houve atividade econômica brasileira durável que não tivesse se beneficiado de uma forte dose de inovação tecnológica. Entretanto, o País ainda se ressentia da falta de uma cultura de inovação sistêmica, orgânica, enraizada na sociedade.

“Quando se transforma a inovação em fenômeno de massa, estamos criando uma cultura através da qual o empresariado, o pessoal técnico e os operários são levados a refletir sobre o tema da mudança, do aperfeiçoamento, da possibilidade de ganhar mais servindo melhor ao mercado”, enfatiza o economista João Furtado, do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da USP, coordenador da nova temática semestral do IEA, dedicada à inovação tecnológica.

Furtado explica que há uma forte relação entre inovação sistêmica de efeitos limitados e a possibilidade de grandes inovações, “por isso não é tão importante apostar em coisas absolutamente avançadas, mas apostar nos esforços regulares, que se auto-alimentem”.

O objetivo do IEA com essa iniciativa é contribuir com a análise teórica do tema e para que a inovação tecnológica seja um item prioritário e permanente na agenda do desenvolvimento econômico do País.

Página 4

Workshop sobre reforma universitária encerra temática **Página 2**

Jaan Valsiner e Marcus Barros fazem conferências **Página 3**

Lançada a edição 53 da revista *Estudos Avançados* **Página 6**

A precarização do trabalho e as mudanças urbanas **Página 7**

Oficina tratará de parcerias para políticas em nutrição **Página 8**

USP FM

93.7

CONTEXTO

Domingo . 10h30

Um programa produzido pelo IEA

Workshop sobre reforma universitária encerra temática

A Temática Semestral “Os Desafios do Ensino Superior no Brasil”, que contou com nove seminários sobre aspectos e conceitos estruturais para o setor, foi encerrada com um workshop nos dias 28 e 29 de abril sobre a reforma universitária. O evento teve a participação de integrantes do Ministério da Educação, Fapesp, direção de universidades públicas e privadas, institutos de pesquisa, especialistas em educação e representantes de estudantes e docentes.

A conferência de abertura foi feita por Fernando Haddad, secretário executivo do Ministério da Educação, que falou sobre os pontos do anteprojeto de lei de reforma universitária elaborado pelo ministério que suscitaram maior polêmica nos últimos meses. Em seguida, Hernan Chaimovich, diretor do Instituto de Química da USP e conselheiro do IEA, fez exposição sobre os temas debatidos no ciclo de seminários. A tarde do primeiro dia foi dedicada a duas mesas-redondas: “Acesso à Universidade” e “Governança na Universidade”. O segundo dia teve mais quatro mesas-redondas: “Estrutura Curricular”, “Diversidade Institucional”, “Pesquisa na Universidade” e “Avaliação na Universidade”. A conferência de encerramento foi proferida por Eunice Durham, do Núcleo de Pesquisas sobre o Ensino Superior (Nupes) da USP.

Textos

No site da temática (www.usp.br/iea/ensinosuperior), além de reportagem sobre os debates ocorridos no workshop, estão publicados os textos-base das seguintes conferências do ciclo de seminários:

- **A USP e a Questão Universitária no Brasil** — *Simon Schwartzman*
- **Ensino de Massa: do Artesanato à Revolução Industrial** — *Claudio de Moura Castro*
- **A Autonomia Universitária — Extensão e Limites** — *Eunice Durham*
- **Eleições na Universidade** — *Jacques Marcovitch*
- **O Futuro da Pós-Graduação Brasileira** — *Francisco César de Sá Barreto*
- **O Financiamento das Instituições de Ensino Superior no Brasil** — *Jacques Schwartzman*
- **Universidade: a Idéia e a História** — *Franklin Leopoldo e Silva*

Também estão disponíveis os seguintes artigos de debatedores do ciclo de seminários e do workshop de encerramento:

- **Aspectos Jurídicos da Autonomia Universitária no Brasil** — *Nina Beatriz Stocco Ranieri*
- **Autonomia das Universidades Públicas** — *Roberto Leal Lobo e Silva Filho*
- **Uma Proposta de Classificação (Categorização) das Instituições de Ensino Superior no Brasil** — *João Steiner*
- **O que as Avaliações Permitem Avaliar** — *Otaviano Helene*
- **Avaliação Institucional de Universidade** — *Bernardete Gatti*

Valores e desafios

A partir da esquerda, Michal Gartenkraut (reitor do ITA, debatedor), Franklin Leopoldo e Silva (FFLCH/USP, conferencista), João Steiner (diretor do IEA, moderador) e Antonio Candido (professor emérito da USP, debatedor) durante o seminário “Universidade: a Idéia e a História”, no dia 12 de abril. O evento foi o último da série de nove encontros da Temática Semestral “Os Desafios do Ensino Superior no Brasil”, encerrada com workshop sobre a reforma universitária.

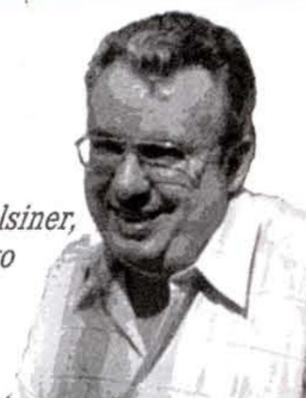


Valsiner debate as mudanças na psicologia

As ciências em geral atravessam um período de transição social, no qual passam de um empreendimento epistemológico individual – por exemplo, a criatividade de Mendeleev, de Einstein – para amplos empreendimentos coletivos de pesquisa. Mudanças históricas na psicologia indicam a existência de uma mudança semelhante, em direção a um modelo fabril de produtividade científica e avaliação administrativa. Essa mudança cria grandes desafios em áreas em que o sistema teórico de uma ciência ainda não se encontra totalmente desenvolvido, como no caso da psicologia.

As implicações desse modelo fabril para a psicologia contemporânea e para o seu desenvolvimento futuro serão discutidas pelo psicólogo Jaan Valsiner, da Universidade Clark (EUA), na conferência “A Psicologia como uma Fábrica: Tradições em Vias de Mudança e Novos Desafios Epistemológicos”, no dia 31 de maio, às 15h.

Jaan Valsiner,
psicólogo



Nascido na Estônia em 1951, onde cursou a graduação e a pós-graduação, Valsiner é professor da Escola de Psicologia Francis Hiatt da Universidade Clark desde 1997. É considerado um dos mais eminentes especialistas em psicologia do desenvolvimento. Alguns de seus livros recentes são: “Handbook of Developmental Psychology” (2003), do qual é editor em parceria com K. J. Connolly; “Comparative Study of Human Cultural Development” (2001); “The Social Mind: Construction of the Idea” (2000), em co-autoria com R. van der Veer; e “Culture and Human Development” (2000). É editor dos periódicos “Culture & Psychology”, “From Past to Future” e “International Journal of Idiographic Science” e da série de monografias “Advances in Cultural Psychology”. ^A

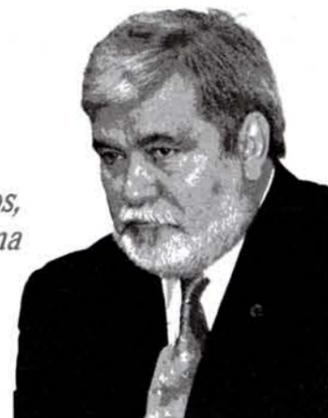
Leia entrevista (em inglês) em que Valsiner descreve suas convicções científicas em www.usp.br/iea/entrevistavalsiner.pdf.

Uma análise da política ambiental do País

Marcus Barros, presidente do Ibama, faz no dia 6 de junho, às 15 horas, a conferência “A Política Brasileira de Meio Ambiente”. Barros foi diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e reitor da Universidade Federal do Amazonas, onde é professor da Faculdade de Ciências da Saúde.

Pesquisador do Inpa desde 1975, onde criou o Laboratório de Leishmaniose, foi também o responsável pela instalação do escritório técnico regional da Fiocruz no Amazonas, onde elaborou o planejamento estratégico para a criação das linhas de pesquisa, publicou o atlas “Espaço e Doença – Um Olhar sobre o Amazonas” e coordenou a expedição Rio Negro/Rio Branco, que resultou no livro: “Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas – Da Borracha à Biodiver-

Marcus Barros,
presidente do Ibama



sidade”. É criador do Museu Amazônico para a preservação da cultura dos povos da Amazônia Ocidental, do Centro de Ciências do Ambiente e do Centro de Artes Hannehman Bacelar.

Barros graduou-se em medicina pela Universidade Federal do Amazonas em 1972. Fez o mestrado em epidemiologia da leishmaniose visceral em Roraima pela Fiocruz. Especializou-se em medicina tropical pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em protozoologia pelo Instituto de Medicina Tropical da Universidade de Nagasaki, Japão. É o criador da pentamidina, medicamento que cura a leishmaniose com apenas cinco injeções. É autor e/ou colaborador de 41 trabalhos científicos. ^A

Local: as duas conferências acontecem no Auditório Alberto Carvalho da Silva, sede do IEA, Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374, Edifício da Antiga Reitoria, Cidade Universitária, São Paulo, SP (veja localização em www.usp.br/iea/mapa.html).

Informações: com Cláudia Regina (claugregi@usp.br), telefones (11) 3091-3919 e 3091-4442.

informativo

ie] ^A

ano XVII
nº 78
mai . jun
2005

Universidade de São Paulo

Reitor

Adolpho José Melfi

Vice-Reitor

Hélio Nogueira da Cruz

Instituto de Estudos Avançados

Conselho Deliberativo

João Steiner (diretor)

Alfredo Bosi (vice-diretor)

Ana Lydia Sawaya

Celso Grebogi

César Ades

Hernan Chaimovich

Yvonne Mascarenhas

Redação e Edição

Mauro Bellesa (MTb-SP 12.739),
e-mail mbellesa@usp.br

Endereço

Travessa J, 374, térreo, Cidade
Universitária, 05508-900, São Paulo,
SP, telefones (11) 3091-3919 e
3091-4442, fax (11) 3031-9563,
e-mail iea@usp.br

Editoração Eletrônica

MC&L Editoração e Design

Fotolito

Neoband

Impressão

Coordenadoria de Comunicação
Social da USP

Créditos das imagens: capa e página 4, Lucino Alves Filho; páginas 2 e 5, Mauro Bellesa; página 3, Universidade Clark e Martin D'Avila/MMA; página 6, Andrés Sandoval; página 7, arquivo pessoal; página 8, Ana Paula Sawaya MacArthur.

Os fundamentos da inovação tecnológica

IEA fará análise teórica para subsidiar estratégias e ações que consolidem a cultura de inovação na sociedade brasileira

“O único modo de se descobrir o que é filosofia é fazer filosofia”, escreveu certa vez o filósofo inglês Bertrand Russell. É difícil imaginar que outras áreas do conhecimento podem se dar ao luxo de serem claramente definidas apenas por seus praticantes. E quando se trata da aplicação do conhecimento, isso é inimaginável, pois amplos setores sem vínculo direto com a utilização do saber precisam ter ao menos uma noção coerente sobre o que ela significa. Sem isso, torna-se difícil adotar políticas apropriadas e consensuais para que a aplicação seja eficaz, rotineira e recompensadora dos esforços empreendidos pela sociedade.

Apesar dos inúmeros progressos do País no século 20 graças a soluções inovadoras – nem sempre reconhecidas como tal –, o tema da inovação ganhou força no Brasil apenas a partir dos anos 90. Desde então, várias iniciativas têm acontecido nos âmbitos governamental, empresarial e acadêmico. Muitas empresas direcionam seus esforços em busca da inovação, há programas de apoio e linhas de financiamento de projetos, prêmios para iniciativas, pesquisa freqüentes sobre o grau de inovação de empresas e setores produtivos e até uma Lei de Inovação.

Ao mesmo tempo, muitas empresas praticam inovação sem o saber, demonstrando falta de envolvimento metódico com a busca de novas soluções, muitas outras permanecem reféns de mercados pouco dinâmicos, enquanto integrantes de várias áreas do saber, do mundo empresarial e do poder público têm dificuldade em entender o conceito de inovação ou o identificam erroneamente apenas como mais um mote gerencial da atualidade. E chega-se ao paradoxo de o povo brasileiro ser considerado extremamente empreendedor, devido à necessidade de garantir a sobrevivência, num País que não conta ainda com uma cultura da inovação sistêmica, orgânica, enraizada na sociedade.

Temática

Diante da importância da consolidação dessa cultura para o desenvolvimento do Brasil e da necessidade de aprofundamento das análises teóricas sobre o tema, o Conselho Deliberativo do IEA escolheu a inovação tecnológica como assunto da segunda temática semestral do Instituto. A ênfase no aspecto tecnológico deve-se ao fato de a tecnologia ser a mais sistemática fonte de inovação, segundo o coordenador da temática, o economista João Furtado, professor do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica (EP) da USP e uma das maiores autoridades no assunto, que terá a colaboração do físico José Fernando Perez, do Instituto de Física da USP e ex-diretor científico da Fapesp.

Furtado comenta que há inovações que não envolvem desenvolvimento tecnológico, mas, eventualmente, propiciam as condições necessárias para esse desenvolvimento. Por outro lado, “uma empresa pode ser bem sucedida com inovações pontuais de natureza não-tecnológica, mas não se pode contar com um golpe de sorte ou genialidade toda semana, por isso os esforços tecnológicos regulares são a fonte mais confiável de inovação”.

Mas os esforços tecnológicos não são suficientes, “por isso as empresas têm um departamento onde as pessoas buscam soluções e novidades, novos produtos e processos, e há as pessoas de marketing num outro departamento, que procuram não apenas encontrar saída para esse desenvolvimento, mas também identificar no mercado necessidades para o pessoal de tecnologia, ou eventualmente ciência, satisfazer.”

Sistema

No modelo convencional, a ciência é um grande estoque onde a tecnologia vai beber para depois alimentar o mercado com produtos e soluções. “A isso chamamos de modelo linear, um modelo que já se mostrou insuficiente para explicar como se dá a inovação tecnológica, pois com frequência engenheiros resolvem problemas que os cientistas ainda não explicaram.” Há um outro fator, segundo o economista: “Nas empresas, a tecnologia não é fruto apenas do desenvolvimento científico, mas também da percepção das pessoas que trabalham a partir das oportunidades existentes ou potenciais de mercado”.

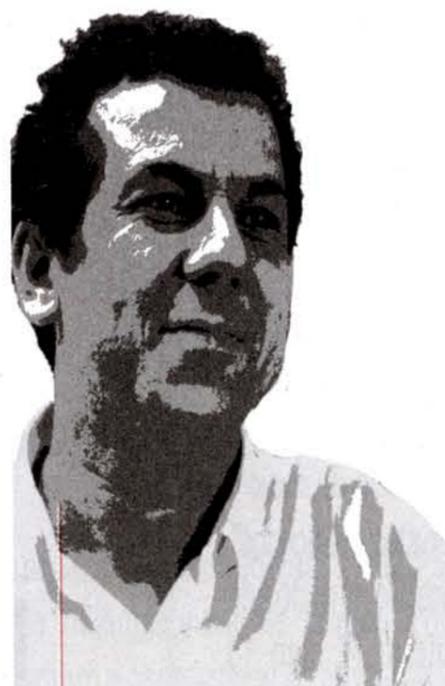
Na verdade, a inovação envolve um complexo de relações que os estudiosos chamam de sistema de inovação, que se acredita ter dimensão nacional. Muitos dos desenvolvedores não estão respondendo a demandas de mercados existentes, estão descobrindo mercados inexplorados, destaca o coordenador da temática: “Grande parte das soluções inovadoras não são soluções para mercados já identificados, são soluções para problemas que ainda não se tornaram mercado. O inovador é sobretudo uma pessoa que cria mercados, não quem se subordina àqueles já existentes”.

Como exemplo da influência desse complexo de relações, Furtado lembra o fato de no final do século 19 e início do 20 a Alemanha ter realizado um grande avanço na química com uma inovação institucional: parou de reconhecer patentes de produtos, só reconhecia de processos. “Ao fazer isso, estimulou a descobertas de outras rotas para a produção de uma mesma substância. Esse é um exemplo de como uma ação governamental, componente de um sistema nacional de inovação, consegue retro-alimentar a tecnologia e a ciência.”

Cultura

No caso brasileiro, Furtado ressalta que nunca houve atividade econômica brasileira durável que não tivesse se beneficiado de uma forte dose de inovação tecnológica. “Muito creditam o sucesso do café à terra roxa mas esquecem o quanto houve de trabalho de pesquisadores e tecnólogos capacitados e motivados em instituições como o Instituto Agrônomo de Campinas, que tem mais de 100 anos. A soja não dava no Brasil inteiro, dava num pedaço do Rio Grande do Sul. Foi a pesquisa que resolveu alguns problemas tecnológicos para que a expansão da cultura fosse viável.”

Há uma forte relação entre uma inovação sistêmica de efeitos limitados e a possibilidade de grandes inovações, “por isso não é tão importante apostar em coisas absolutamente avançadas, mas apostar nos esforços sistemáticos, regulares, que se auto-alimentem”, comenta Furtado. “Quando se transforma a inovação em fenômeno de massa, estamos criando uma cultura através da qual o empresariado, o pessoal técnico e os operários são levados a refletir sobre o tema da mudança, do aperfeiçoamento, da possibilidade de ganhar mais servindo melhor ao mercado. E nisso não há nada de subordinação ao mercado. Todos querem um remédio mais útil, um serviço de transporte melhor, um alimento mais saudável. E há um momento nesse processo que a inovação e o consumidor podem ter um interesse comum.” ^A



Perfil

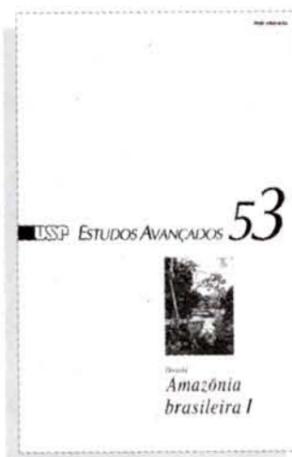
João Furtado é coordenador do Diretório da Pesquisa Privada e do Observatório de Estratégias para a Inovação, projetos contratados pela Finep e pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. É fundador e ex-coordenador do Grupo de Estudos em Economia Industrial (<http://geein.fclar.unesp.br>), na Unesp, e editor executivo da “Revista Brasileira de Inovação”.

Professor do Departamento de Engenharia de Produção da EP/USP e licenciado do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Unesp, Furtado graduou-se no Instituto de Economia da Unicamp, onde também fez o mestrado, sobre “Produtividade na Indústria Brasileira: Padrões Setoriais e Evolução (1975-80)”. Seu doutorado foi realizado na Universidade de Paris XIII, com tese sobre a transformação nas condições de inserção das economias de industrialização tardia na economia mundial. Fez especialização em estratégias e políticas industriais e tecnológicas na Cepal (Comissão Econômica Para a América Latina e o Caribe).

Para saber mais sobre inovação e as idéias de Furtado, leia seus artigos “Padrões de Inovação na Indústria Brasileira”, apresentado em seminário no Instituto Fernando Henrique Cardoso, e “O Comportamento Inovador das Empresas Industriais no Brasil”, apresentado em evento no Instituto Nacional de Estudos Superiores. Os textos estão disponíveis no site da temática: www.usp.br/iea/inovatecno.

A primeira parte do dossiê Amazônia Brasileira

Foi lançado no início de maio o nº 53 da revista "Estudos Avançados". O destaque da edição é o dossiê "Amazônia Brasileira I", com 16 artigos, duas entrevistas (com Warwick Kerr e Aziz Ab'Sáber), um poema e um conto (ambos de Milton Hatoum). Completam a edição dois artigos sobre questões internacionais e uma homenagem a Celso Furtado. A segunda parte do dossiê será publicada em agosto, na edição nº 54.



Sumário do nº 53

Editorial

Dossiê Amazonia Brasileira I

- Aziz Ab'Sáber: Problemas da Amazônia Brasileira – *Entrevista*
- Situações da Amazônia no Brasil e no Continente – *Hervé Théry*
- Warwick Kerr: a Amazônia, os Índios e as Abelhas – *Entrevista*
- Geopolítica da Amazônia – *Bertha Becker*
- Afinal, Quem é mais Moderno neste País? – *Márcio Souza*
- A Viagem das Idéias – *Renan Freitas Pinto*
- A Unesco e o Projeto de Criação de um Laboratório Científico Internacional na Amazônia – *Marcos Chor Maio*
- Questão Agrária e Macropolíticas para a Amazônia – *Francisco de Assis Costa*
- O Desmatamento na Amazônia e a Importância das Áreas Protegidas – *Leandro Valle Ferreira, Eduardo Venticinque e Samuel Almeida*
- Emissões de Queimadas em Ecossistemas da América do Sul – *Saulo Freitas, Karla Longo, Maria Assunção Faus da Silva Dias e Pedro Leite da Silva Dias*
- Meio Século de Mineração Industrial na Amazônia e suas Implicações para o Desenvolvimento Regional – *Maurílio de Abreu Monteiro*
- Dinâmica Evolutiva em Rochas de Caboclos Amazônicos – *Paulo Soderro Martins*
- Saúde na Amazônia: um Modelo Conceitual para a Análise de Paisagens e Doenças – *Ulisses Confalonieri*
- Amazônia Indígena: Conquistas e Desafios – *Egon Heck, Francisco Loebens e Priscila Carvalho*
- Um Aspecto da Diversidade Cultural do Caboclo Amazônico: A Religião – *Raymundo Heraldo Maués*
- O Quintal da Minha Casa – *Aurélio Michiles*
- Cinema no Amazonas – *Selda Vale da Costa e Narciso Julio Freire Lobo*
- Amazônia, das Travessias Lusitanas à Literatura de até Agora – *Amarilis Tupiassú*
- Belém É Bíblica? (*poema*) — A Casa Ilhada (*conto*) – *Milton Hatoum*

Assuntos Internacionais

- A Crise do Sistema Internacional – *Rubens Ricupero*
- Brasil, Política Multilateral e Nações Unidas – *Ronaldo Mota Sardenberg*

Memória

- Celso Furtado e o Pensamento Social Brasileiro – *Bernardo Ricupero*

Com 378 páginas, a edição nº 53 custa R\$ 30,00. O preço da assinatura anual (três edições) é R\$ 80,00.

Exemplares avulsos podem ser adquiridos na sede do IEA (pessoalmente ou pelo correio) e nas livrarias parceiras do Instituto.

Assinaturas devem ser feitas pessoalmente ou pelo correio.

Para mais informações, os interessados podem consultar o site da revista (www.usp.br/iea/revista) ou entrar em contato com Edilma Martins pelo e-mail estavan@usp.br ou telefones (11) 3091-3919 e 3091-4442.

Edições online

Mais 11 edições de "Estudos Avançados" foram incluídas na Scielo (Scientific Electronic Library Online, www.scielo.br) nos últimos meses. Com isso, na data de fechamento desta edição do "Informativo IEA", 18 números já estavam disponíveis gratuitamente. A Scielo é um projeto desenvolvido pela Fapesp em parceria com a Bireme (Centro Latino-Americano e Caribenho de Informação em Ciências da Saúde) e apoio do CNPq. Atualmente o projeto conta com 134 periódicos científicos.

Apesar de "Estudos Avançados" participar dessa biblioteca eletrônica apenas a partir do segundo semestre de 2004, em abril de 2005 os nºs 51 e 52 encabeçaram a relação de edições mais acessadas entre todas aquelas de revistas de humanidades. Em maio, o total de acessos diários às edições foi superior a 1500. O IEA disponibilizará todas os números da revista na Scielo ainda este ano.

Precarização do trabalho e mudanças urbanas

*Antropóloga fará
estudo comparativo de São Paulo e Bombaim*

CIDADES

Nas últimas décadas, São Paulo e Bombaim, na Índia, têm sofrido um processo intenso de reestruturação produtiva, caracterizada pela degradação de base industrial, terceirização e desenvolvimento da informalidade. Com a crise dos anos 80, o setor informal se ampliou como alternativa aos bloqueios do mercado de trabalho formal: abriu-se para os que foram expulsos do mercado (primeira geração) e para os que não conseguiram entrar no mercado formal (segunda geração). Nos anos 90, surgiram novos circuitos do mercado informal, como a prestação de serviços para a economia globalizada e as redes informais de subcontratação. Portanto, crise e reestruturação produtiva têm afetado diferentemente os trabalhadores, dependendo de seu perfil e geração.

Quem traça esse quadro de duas das maiores metrópoles do mundo é a antropóloga Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky, do Instituto de Pesquisas para o Desenvolvimento, da França. Com vasta experiência no estudo da realidade indiana, agora ela fará uma análise comparativa dos impactos socioeconômicos da globalização em Bombaim e São Paulo. Marie-Caroline desenvolverá no IEA, durante um ano, o projeto "Índia-Brasil: Face-a-Face pelo Desenvolvimento", um estudo contrastado das dinâmicas urbanas de regiões das duas cidades. A meta é estudar a organização social dos bairros mais atingidos pelas consequências da reestruturação produtiva: antigos bairros industriais da Zona Leste de São Paulo, antigos bairros (Worli, Parel e Dharavi) têxteis e de confecção com couro em Bombaim, novas fronteiras urbanas e nichos recentes de favelas nas duas cidades.

O projeto tem três objetivos principais: a qualificação urbana dos bairros que foram "atingidos" pela globalização, uma comparação da organização social dos espaços paulistanos e indianos e a análise das redes culturais nas dinâmicas de organização e resistências.

Marie-Caroline explica que as dinâmicas de segregação criam

patologias urbanas com consequências dramáticas sobre a vida dos cidadãos, como a violência e uso de drogas. "Por outro lado, essas dinâmicas engendram a necessidade de novos vetores de identidades que compensem a instabilidade básica e podem estar na origem do surgimento de novas instituições, como igrejas e associações." Ela espera que o estudo ofereça contribuições para políticas públicas e programas sociais voltados a contrariar as evoluções patológicas, além de oferecer subsídios para uma análise crítica das ações e programas desenvolvidos pelo poder público, ONGs e empresas.

Primeiro será realizada uma pesquisa de campo sobre a teia social dos bairros paulistanos selecionados, com a realização de entrevistas qualitativas. Um estudo detalhado das biografias individuais pode informar sobre os processos da informalização e seus impactos nas formas de vida. A análise do material de campo deverá ser confrontada com os dados quantitativos e estatísticos sobre o emprego e o nível de vida da população da Zona Leste (com dados do IBGE, Seade e pesquisa origem/destino) e de bairros de Bombaim (com dados do censo). Além disso, o projeto pretende organizar um encontro internacional sobre as "dinâmicas urbanas e a pobreza na Índia e no Brasil" em 2005 e produzir publicações em francês e português.

O trabalho se insere na linha de pesquisa que a antropóloga desenvolve na França, no Centro de Estudos da Índia e da Ásia do Sul. Na USP, Marie-Caroline tem contado com a colaboração do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (Cenedic). O projeto no IEA deverá ter apoio também do Laboratório de Habitação da FAU/USP, do Sebrae e do Centro de Estudo da Metrópole.

Marie-Caroline fez mestrado em sociologia e doutorado em antropologia social na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), França. Seu pós-doutorado foi realizado na Universidade de Chicago, EUA. É autora de "Intouchable Bombay, le Bidonville des Travailleurs en Cuir" (2002) e organizadora de "Le Maharashtra, entre Tradition et Modernité" (2003) e "L'Inde, Population et Développement" (2002).

Favelas em Itaquera (São Paulo) e Dharavi (Bombaim)



Parcerias para políticas em nutrição

Em agosto, o Grupo de Estudos sobre Nutrição e Pobreza realizará uma oficina interna com representantes de cinco ministérios – Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Saúde; Ciência e Tecnologia; Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Educação –, universidades e ONGs que trabalham com questões de nutrição. Com o título “Diagnóstico e Soluções dos Problemas Alimentares e Nutricionais no Brasil: Formando Parcerias”, o encontro terá os dois primeiros dias dedicados a mesas-redondas, plenária e oficinas e o terceiro voltado para a formação de parcerias e definição de propostas de ação. Participarão apenas cerca de 50 convidados.

No primeiro dia acontecerão quatro mesas-redondas sobre: “Aspectos Antropológicos, Dinamismo Psicológico e Diagnóstico Social das Famílias em Situação de Risco”; “Obesidade, Desnutrição, e Carências Nutricionais: Desnutrição no Início da Vida e Suas Conseqüências; Obesidade na Pobreza e Deficiência de Micronutrientes”; “Segurança Alimentar e Nutricional, Sistemas de Monitoramento, e Indicadores Nutricionais”; “Relatos de Experiências de Políticas Públicas: Bolsa-Alimentação; Os Desafios do Pnae; Programa de Educação Nutricional Eu Aprendi, Eu Ensinei.

A quinta mesa será uma reunião plenária para a apresentação da síntese dos moderadores das quatro mesas-redondas e definição dos temas para os grupos de trabalho das oficinas do segundo dia. O terceiro dia será dedicado a conclusões e perspectivas de trabalho, com a apresentação de um relatório final e um cronograma de ações, além da análise das propostas de realização de um evento público sobre a mesma temática no final de 2005 e de oficinas anuais.

